



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

VIVÊNCIAS DE ESTÁGIO: UMA BREVE REFLEXÃO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

João Antônio de Sousa Lira, graduado em pedagogia UFPI

Luana da Matos Paz Melo, graduanda em pedagogia UFPI

Marilde Chaves dos Santos, professora UFPI

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo discutir a construção de gênero na educação na infantil, a partir das vivências da Disciplina Estágio Supervisionado em Educação Infantil. O interesse pelo tema surgiu da necessidade de refletirmos sobre nossa formação inicial frente às questões de gênero, pois para a nossa surpresa e estranhamento o professor titular da sala de aula qual estagiamos era um homem, o que de modo quase que imediato, nos inquietou devido às nossas crenças já fixas em nosso modo de pensar e agir nos trouxe à tona a questão do preconceito pelo fato de um homem lecionar para crianças de 4 e 5 anos. Daí surgiu como questão mobilizadora o seguinte questionamento: Qual é realmente o papel da escola frente à construção de gênero na educação infantil? Percebemos, durante as observações realizadas na vivência do estágio, que a escola ajuda a produzir ou a reproduzir valores relacionados às questões de gêneros diante de pequenas práticas e ações cotidianas. Diante destas constatações defendemos e o papel do professor no âmbito desta questão é transformar o ambiente escolar em um local colaborativo, onde as crianças possam desempenhar variadas tarefas e brincadeiras que não necessariamente sejam rotuladas como masculinas ou femininas.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Educação infantil. Gênero.

ABSTRACT: This article aims to discuss the construction of gender in early childhood education, from the experiences of Discipline Supervised Internship in Early Childhood Education. Interest in the subject arose from the need to reflect on our initial formation front to gender issues, as to our surprise and strangeness the professor in the classroom which estagiamos was a man, which so almost instantly due to unsettled to our beliefs already fixed in our thinking and acting brought us up the issue of prejudice because a man teaching for children 4 and 5 years. Hence arose as a driving issue the following question: What really is the role of the school opposite the construction of gender in early childhood education? We noticed during the observations in the experience of the internship, the school helps to produce or reproduce the values related to gender issues facing small practices and everyday actions. Given these findings advocate and role of the teacher in the context of this question is to transform the school environment in a collaborative place where children can perform various tasks and games that are not necessarily labeled as male or female

Key – words: Supervised training. Childhood education. Genre.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Introdução

O estágio em educação infantil nos proporcionou a pensar sobre nossas vivências e o modo qual fomos educados, pois nenhuma vivência é neutra de significados. Por isso, nos momentos durante o estágio que as nossas vidas se cruzavam com as vidas de crianças até então desconhecidas, isso muito nos marcou, pois tivemos a oportunidade de rememorar como se deu nossa formação na educação infantil, bem como trazer à tona uma realidade que passa despercebida quando se trata das práticas pedagógicas na educação infantil e na educação básica como um todo, que é a questão do gênero.

Sendo assim, notamos que os estudos sobre gênero no meio acadêmico ainda são bastante escassos e quando os olhos se voltam à questão da educação infantil vemos um vazio quase latente, pois quem se propõe a estudar um tema tão pouco debatido uma vez que causa uma profunda reflexão no mundo de estrutura social estabelecida e permeada de preconceitos? Qual é realmente o papel da escola frente à construção de gênero na educação infantil? Como o educador deve se por diante do leque de diversidades culturais, sociais e econômicas de uma sala de aula? Sabemos de antemão que não teremos respostas exatas para essas perguntas, no entanto tentaremos discuti-las a partir de nossas vivências que o estágio nos proporcionou desse modo temos como objetivo deste artigo discutir a construção de gênero na educação na infantil, a partir das vivências do estágio supervisionado em educação infantil.

Discutir construções de gênero na educação infantil sabemos que estamos lidando com o mundo simbólico e imaginário que a sociedade estabeleceu como um padrão de normalidade, sendo que esse padrão na maioria das vezes é transmitido de forma oculta e despercebida na relação de ensino e aprendizagem, sendo que a predominância do “mundo masculino” é a que sempre prevalece. Em se tratando de educação infantil estamos lidando com uma faca de dois gumes, pois de um lado temos a escola que segue diretrizes pré-fixadas e de outro temos a família e a sociedade com suas crenças já estabelecidas.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

O interesse pelo seguinte tema nasceu da necessidade concreta e das vivências que o estágio em educação infantil nos proporcionou. Para a nossa surpresa e estranhamento o professor titular da sala de aula qual estagiamos era homem, o que de modo quase que imediato às crenças já fixas em nosso modo de pensar e agir nos trouxe a questão do preconceito pelo fato de um homem lecionar para crianças de 4 e 5 anos, pois o modelo de educador na escola infantil da qual estávamos habituados era a de que a mulher por está mais ligado a questão da maternidade e cuidado para com as crianças fosse mais adequado para tal educação. Dessa forma, foi preciso primeiro desmistificar essa premissa de que para educar crianças nessa idade tinha que de ser uma mulher para depois refletirmos como as ações da escola, evidenciadas nas relações estabelecias nas aulas entre o professor e os alunos construíam as relações do gênero, que foi a abordagem que escolhemos para compreendermos a questão.

Para alcançarmos nossos objetivos utilizamos como suporte metodológico as observações feitas na sala de aula e anotadas em diário de campo, refletindo, através dos registros como as vivências que o estágio nos possibilitou, assim como o planejamento e postura do professor frente ao planejamento didático com relação às questões de gênero.

Aportes teóricos: Educação e as relações de gênero na História do Brasil

Antes de abordarmos as especificidades da discussão do gênero na educação infantil, é necessário destacar alguns pontos inerentes à questão de gênero de uma forma geral, como por exemplo, seu significado, e suas representações no contexto social. Desse modo se faz necessário estabelecer diferenças entre sexo e gênero, uma vez que no imaginário coletivo as duas aparecem de forma interligada. De acordo com Bryam et al (2006, p. 248) “enquanto a biologia determina o sexo, a estrutura social e cultural determinam em grande medida, o gênero, ou a expressão dos papéis masculinos e femininos culturalmente apropriados”. Ou seja, nascemos com órgãos sexuais masculinos ou femininos, mais a estrutura social e cultural é que vai determinar a representação dos papeis do “ser homem” e do “ser mulher” na sociedade.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Dessa forma, a escola como um local de transmissão de ideologias repassa uma educação pautada em valores históricos que privilegiam a representação do “ser homem” no contexto social, pois como sabemos a mulheres, por muito tempo foi tida como uma mera espectadora da história. Diante disso podemos dizer que o currículo oculto da escola é extremamente masculino. Assim:

para as ciências sociais e humanas, o conceito de gênero refere-se à construção social do sexo anatômico, ou seja, sabemos que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura, não decorrendo da anatomia de seus corpos”. (BRASIL 2009, p.25)

O quesito diferença de gênero, desde o Período Colonial foi utilizado como subsidio para justificar as disparidades sociais entre homens e mulheres e o fato de o ensino no Brasil ter sido iniciado com a catequese, girando em torno da Educação Jesuítica, perpetuou a ideologia de subordinação da mulher à força masculina. Chamon (2005, p. 29) afirma que: “o trabalho catequético, o apego aos dogmas e à autoridade, a prática de princípios morais e de subserviência e a negação de frequência à escola pelo sexo feminino, formaram a base dos princípios em que se fundamentou a organização do ensino no Brasil”, ou seja, a sociedade na época idealizava uma mulher para o casamento, para a vida religiosa e para o trabalho doméstico, aprendizados que não exigiam educação escolar, a considerar que à educação formal das mulheres, era considerada heresia social.

Entendemos assim que durante os primeiros trezentos anos de instauração da sociedade no Brasil, as mulheres, assim como outros componentes sociais, estiveram a serviço da sustentação dos interesses do patriarcado, pois nesse período educar era uma ação pedagógica coercitiva, baseada na submissão e obediência brusca.

Debret (1975, p. 421) afirma que as ideias liberais se incidiram com a vinda da Família Real para o Brasil, com D.João VI, possibilitou uma transformação na conjuntura cultural do país e, particularmente, a compreensão e a oferta de ensino para mulheres que passaram a ser alfabetizadas, porém sem direito ao ensino secundário, pois este tinha função propedêutica e era direcionada ao público masculino, a formação



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

do professor começava exclusivamente direcionada aos homens e totalmente ligada ao exército. Ainda pairava o ideal de educação das mulheres nos moldes das tradições portuguesas que as restringia ao lar e a reverência que “deviam” aos homens.

O envolvimento feminino no contexto escolar público ocorreu durante o século XIX. Para Berger (1984, p.168), foi a fundação de escolas protestantes, especialmente metodistas e presbiterianas, que quebraram o monopólio religioso do catolicismo, e que pela primeira vez na História do Brasil reuniram sob o mesmo teto alunos de ambos os sexo. Ainda segundo o autor, a partir de 1870, apareceram nas províncias as escolas públicas mistas, as professoras recebiam autorização para lecionar aos meninos até uma determinada idade, geralmente entre 12 a 14 anos, (Os homens não conseguiram esta permissão), isto abriu um novo campo para o magistério feminino: o ensino masculino/misto. Segundo o autor os médicos, pais, clero, governantes, afirmavam que estas eram dotadas de mais coração e ternura, qualidades “naturais” para os professores exercerem sua profissão. Dessa forma, por volta desta época, surgiu a construção do discurso da ‘vocação natural’ da mulher para o magistério.

Ferro (1996, p.71-73), contribuiu para a compreensão desta questão no âmbito local quando informa que em 11 de junho de 1882, foi recriada a Escola Normal, no Piauí, cujo currículo oferecia, ao lado de disciplinas como Gramática, Geografia, Pedagogia, Metodologia, etc... Outras disciplinas como Costura, Trabalho de Agulha, Corte de Roupas Brancas e Bordados Brancos de Lã que bem demonstram o tipo de formação para os mestres direcionada especificamente para as mulheres. O Colégio Nossa Senhora das Dores, fundado também neste mesmo ano, recebia clientela masculina e feminina, sendo que o diretor atendia os meninos entre 6 e 18 anos e sua filha, as meninas entre 6 e 12 anos. A mesma autora destaca que nas primeiras décadas do século XX:

A exigência do celibato para que as mulheres pudessem exercer a função de professoras do ensino público estava proposta no Estatuto da Instrução Pública nos seus artigos de 22 a 25, apresentada pelo diretor Anísio Brito. Segundo aquela proposta, as professoras tinham que ser solteiras ou viúvas e caso viessem



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

a contrair matrimônio perderiam imediatamente o cargo para o qual tinham sido nomeadas (1996, p.92-94).

Percebemos assim que a despeito da idealização da profissão de “professorinha”, conservava-se “o cuidado com o lar” o papel principal da mulher.

Entendemos que no século XIX, a mulher introduz-se na escola no papel de aluna e também como docente, revolvendo a docência como uma ocupação feminina. A ideologia perpetuada desde a colônia engendrando a sociedade do século XIX e que se matem até os dias atuais incide o ensino à natureza feminina, na perspectiva da idealização de um ser que possui atributos de delicadeza e fraternidade, sendo propensa à manutenção das relações humanas e as práticas do cuidado. “Na opinião de muitos, não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios.” (LOURO, 2006, p. 446).

Percebemos que as relações de gênero são perpassadas e fundamentadas no determinismo biológico que muito contribui para retrocessos sociais, com a alegação de extensão do papel de mãe, incute-se o ideal de tarefa filantrópica, ou seja, não se faz necessário uma boa remuneração, pois educar seria uma missão digna para mulheres. É trágico concluir que, de fato, tudo isso não passava de uma justificativa para conseguirem uma mão-de-obra barata e que não reivindicasse direitos, infelizmente essa ideologia acabou atando-se no imaginário popular, e também sendo socialmente desejável até os dias atuais.

Vivência do estágio em educação infantil: Reflexões sobre a experiência e indagações

Com o conjunto de ideias anteriormente expostas, percebemos como o magistério foi historicamente considerado um atributo feminino por ser idealizado como uma espécie de extensão do papel de mãe, dessa forma a mulher professora passa a ser vista até os dias atuais como uma segunda mãe ou “tia”. Diante desta realidade e de nossa própria experiência no estágio de ensino infantil, surgiram-se indagações que nos



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

permitiu uma auto-reflexão precisamente por relacionarem-se com inúmeras questões centradas nos debates sobre as relações de gênero e, especificamente, na maneira como tais questões operam especialmente, no campo da educação infantil.

Dessa forma, a nossa maior inquietação foi buscar entender, sob o ponto de vista das relações de gênero como os educadores do sexo masculino interagem com a educação infantil e como a comunidade escolar percebe e reage a presença desses sujeitos. O que nos levou a refletir sobre isso e chamou bastante atenção foi o fato de que os professores, especificamente do ensino infantil, são bombardeados por diversos tipos de preconceitos, um exemplo bem comum são as gozações por não serem considerados "homens de verdade", isso porque para ideologia do senso comum, historicamente, como já discutimos, julga esta profissão como feminina.

O diário de campo foi essencial para a construção do texto, pois nele se encontram observações que pudemos apreender do campo de estágio, também através dele revisitamos a nossa trajetória no estágio do dia em que chegamos na escola ao dia que saímos. Trazemos nesse tópico algumas anotações do diário, e fazemos algumas breves considerações.

Chegamos na escola por volta de 13:30. Como foi o primeiro dia de aula após o recesso, as crianças começaram a chorar muito, pois passaram bastante tempo com os pais, e a rotina da escola foi quebrada. Éramos para começar a regência logo nesse dia, no entanto não pudemos participar do planejamento da escola por conta que estávamos em aula no período do planejamento. Assim, perguntamos ao professor sobre o planejamento da semana, e ele logo passou todos os assuntos e se propôs a ajudar-nos no planejamento. O professor da sala de aula que estagiamos é homem (...) hoje vieram oito crianças, logo uma menina levantou e pediu para ir ao banheiro, Luana, companheira de estágio a levou ao banheiro. O professor nos disse que os pais não querem que ele acompanhe suas filhas ao banheiro pelo fato dele ser homem, assim fica sempre uma pessoa no corredor da escola auxiliando o professor e levando as meninas ao banheiro. (05 de agosto de 2013)

Desse trecho do diário, podemos observar que, muitos pais acreditam que o professor homem pode representar ameaça para as crianças. Mas queremos destacar que a escola é um lugar social, formada por profissionais, onde temos que aprender a



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

conviver e a respeitar as diferenças. No entanto, a escola, de uma forma geral, está falhando com essa função social, pois desde quando começamos a estudar nos são inculcados valores de discriminação com o outro, e isso nos é repassado de forma silenciosa e despercebida no cotidiano escolar. Levamos em conta também a importância de se reconhecer o espaço escolar como produtor e reproduzidor dos entendimentos sobre as questões de gênero presentes na sociedade, Louro enfatiza que “é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino” (Louro, 1997, p. 89).

Utilizamos agora outro trecho das nossas anotações para exemplificar melhor nossa posição, pois percebemos em pequenas ações do cotidiano escolar, como a escola vai se transformando em espaço de produção e de reprodução das questões de gênero, como podemos constatar no episódio narrado abaixo:

Chegamos na escola 13:00, e não tinha chegado nenhuma criança ainda. As crianças que lá estavam são as que ficam em tempo integral, então fomos observar as instalações da escola com mais atenção. Às 13:30 começaram a chegar as primeiras crianças que estudam apenas um horário. Logo chegam todas as crianças, e observamos que os meninos vão para um lado do pátio e as meninas vão para o outro lado, salvo algumas meninas que se misturam aos meninos e alguns meninos que se misturam as meninas, mais é nítido que de um lado a maioria menino e de outro a maioria menina, então os meninos começam a fazer atividades “ditas” de homens como brincar de carrinho, e as meninas de bonecas. Um determinado menino sentiu sede e foi tomar água, no entanto o copo era rosa, e logo exclamou que não iria tomar mais água porque o copo era de mulher. Ficamos surpresos com a reação da criança. Às 16:00 aproximadamente, na sala de aula o professor ao organizar as crianças para o lanche pede para as crianças formar duas filas, uma só de meninos e outra só meninas. (21 de agosto de 2013)

Podemos observar que desde que chegamos na escola somos classificados a desempenhar tarefas específicas, tarefas que reforçam o padrão de sociedade pré-determinado, onde os meninos executam tarefas específicas de “homens”, e as meninas tarefas específicas de “mulheres”, como brincar de casinha. E quando um menino se interessa por brincadeiras “ditas” de meninas, logo é estereotipado de “veadinho”, “mulherzinha”, etc. O mesmo acontece com meninas que se interessam por atividades



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

“ditas” de meninos, as mesmas são tachadas de “mulher-macho”, macho-fêmea”, “sapatão”. Defendemos que o papel do professor é romper com esse padrão pré-determinado, de modo que essas diferenças possam ser superadas e respeitadas, e não o de reforçar esse padrão. Pois segundo Bento (2008, p. 28) “Quando uma criança nasce encontrará uma complexa rede de desejos e expectativas para seu futuro, levando-se em consideração para projetá-la o fato de ser um/a menino/menina, ou seja, ser um corpo que tem um pênis/vagina. Essas expectativas são estruturadas numa complexa rede de pressuposições sobre comportamentos, gostos e subjetividades que acabam por antecipar o efeito que suponha causa”.

É importante pensar então na formação de professores para lidar com todas essas adversidades que sociedade demanda pensar na formação de professores é pensar na nossa formação como ser pensante e crítico diante as normas vigentes que discriminam e excluem as minorias.

Algumas considerações

Diante desse breve relato de nossas experiências no estágio supervisionado em educação infantil, notamos que o papel primordial do professor é transformar o espaço da sala de aula em um local colaborativo, onde sejam respeitados os aspectos subjetivos de cada criança, valorizando sua cultura, seus aspectos sociais. O professor, nesse sentido tem de ultrapassar os limites estabelecidos pela sociedade, gerando assim novas formas de interação social onde as crianças aprendam a respeitar o ser humano em todas as suas complexidades do ser.

A escola, sendo uma instituição formadora de opiniões tem o dever de formar seus educandos para a cidadania. Dessa forma, não pode continuar propagando ideias e conceitos pré-estabelecidos pela sociedade que alimentem o preconceito e a discriminação contra o ser humano, sem uma análise crítica. O professor tem de analisar o contexto social, analisar as relações estabelecidas em sala de aula, suas ações e assim tomar decisões que venham promover a igualdade entre todos.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

É importante lembrar que os currículos dos nossos cursos de formação de professores não abordam essa discussão de modo aprofundado, restringindo o tema na maioria das vezes a conceitos e definições simplistas, isso geraria outra discussão que não é o objetivo aqui pretendido. Acreditamos que através desse breve relato professores, estagiários, alunos da graduação dentre outros, possam perceber que a nossa sociedade é cheia de regras que geram preconceitos, discriminação e exclusão, e o fato de homens lecionar na educação infantil já é uma amostra que os paradigmas estão sendo rompidos, resta agora termos senso critico de fazermos a coisa certa em nossa prática.

REFERÊNCIAS

BENTO, B. A. M. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BERGER, Manfredo. **Educação e Dependência.** 4º Ed. São Paulo: Difel,

1984BRASIL. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações de étnico-raciais.** Caderno de atividades. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009.

BRYAM, Robert. **Sociologia: sua bússola para um novo mundo.** São Paulo: Cengage Learning, 2009.

CHAMON, Magda. **Trajetóriade feminização do magistério. Ambigüidades e conflitos.** Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

DEBRET, J.B. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil.** 6ª.ed. S.Paulo:I.N.L. 1975. 2 vols.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e Sociedade no Piauí Republicano.** Teresina: UFPI, 1996

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007..



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

STAMATTO, M. Inês S. **UM OLHAR NA HISTORIA: A MULHER NA ESCOLA**
(BRASIL: 1549 – 1910). – Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRN.